



## 10º UNICULT

### SUBSOLO NA GARRAFA

Autor(es)

---

CARLA CERES OLIVEIRA CAPELETI

#### Desenvolvimento

---

Carla Ceres DE ACORDO COM RODRIGO 1: Cidades são seres vivos. Cada uma com seu jeito de usar seus seres humanos. A minha se pensa grande e me envia de emissário a outros cantos distantes. Foi num dia em que eu andava muito sobrando de passos. Vontade de abrir caminho bem longe do meu portão. Andanças premeditadas forçavam amarras tantas de compromissos locais. Daí a cidade me veio e me mandou porta afora. Missão: ser outro bem longe. Fui com pretexto de estudo, carregando marra e medo, morar junto de outros tontos, estudantes quanto eu. Republicano refúgio de trotes e altos porres. Quase oitavo coma alcoólico, bate na porta um fantasma. Era uma freira de branco, dizendo que, em breve, um padre viria benzer minha alma que estava desencarnando na cripta do subsolo. Como assim no subsolo? Não temos porão nem cripta onde esconder meu cadáver. Gelei de fio a pavio. Senti tontura de medo. Eu morrendo e eu não sabia? Lembrei que estava pelado porque era nu que eu dormia. Fiquei tonto de vergonha. Tapei os olhos com a mão. Com a esquerda, cobri minhas coisas. Pensei na freira corando. Descobri devagarinho que a freira tinha ido embora. Pensei: é susto de pinga, de tequila defumada com lances que eu nem te conto. Fechei a porta depressa. De quatro, subi a escada. Meu quarto tremegirava. E se existisse uma cripta? E se eu estivesse morrendo tão longe do meu carinho? E se a casa contivesse um claustro medieval cheio de medo em 3D? Bateram de novo à porta. Ouvi um som esquisito de saias pretas entrando, de saias pretas dizendo tristes bênçãos numa cripta. Rolei degraus rumo à sala, esgurei-me ao subsolo inexistente antes disso. Encontrei o padre e as preces sobre o corpo também eu. Éramos dois eus na cripta: um olhando, outro morrendo. Sou egoísta, sei disso. Para mim, só eu me importo. Fugi com medo de ver meu fim tão jovem, tão bêbado. Abandonei a república, o estudo, o medo e a marra. Voltei à minha cidade. Cidades são seres vivos. A minha se pensa grande, recebe jornais de longe. Num desses jornais eu vi a foto do outro eu. Com surpresa constatei: continua a minha cara. Também se chama Rodrigo, morou onde eu já morei, seguiu quando desisti. Esse eu sobreviveu, graças a bênçãos obscuras, numa noite alucinada. Formou-se em ciências étlicas, trabalha como urbanista, projetando videogames. E... nem sabe que eu existo. Agora sou dois, no mínimo. Coisas de minha cidade que me envia de emissário a outros cantos distantes mesmo tendo que partir-me quando caminhos exigem-me a arte de bifurcar-me. DE ACORDO COM RODRIGO 2: Cidades são muito estranhas pelas coisas mais malucas que passam à nossa porta. Num dia de tempestade, abandonei meu trabalho num jogo medieval e fui até a varanda, olhar o mundo real. Tinha uma linda enxurrada e nenhum vizinho à vista. Docemente flutuando, uma garrafinha PET seguia rumo ao bueiro. Interrompi seu percurso e notei, estarrecido, que dentro havia um pen drive! Um pen drive na garrafa!? Sim, e dos mais modernos. Mesmo trabalhando em games desde minha adolescência, eu jamais vira um projeto fabuloso como aquele que me chegou flutuando dentro daquele pen drive. Era o roteiro de um jogo com cenários, personagens... E quem seria tão doido a ponto de jogar fora um trabalho assim inédito? Ouvi gritos lá de fora. Era uma moça de branco, tateando na enxurrada. Você viu uma garrafa?, perguntou quando me viu. Garrafa? Claro que não. Como assim uma garrafa?, perguntei bem sonsante. Meu namorado pirou e botou numa garrafa todo o trabalho dele. Agora ele está deitado lá no sótão da república. Tá passando muito mal. Acho até que vai morrer. Deixei a garota revirando o bueiro, vesti minha capa de chuva preta e fui até a república, ver como estava o rapaz. Era um daqueles tontos que sempre pediam estágio na minha firma. Garanto que me esforcei. Ele até sobreviveu, mas um tanto diferente. Perdeu partes da memória e do juízo, que, aliás, sempre foi pouco. Seu projeto é um sucesso sob minha assinatura. Cidades são muito estranhas. Ontem mesmo ele voltou, o meu xará Rodriguinho. Disse que se identifica com meu trabalho e comigo. Trouxe várias sugestões para aprimorar meus jogos. Seria até crueldade eu não querer dar ouvidos a quem sonha sua vida como se vivesse a minha.